



Estratégia
Vestibulares

VESTIBULAR DA FUVEST 2021



Correção de Língua Portuguesa



Equipe de Português

CORREÇÃO DO VESTIBULAR FUVEST 2021 - 1ª FASE

11 DE JANEIRO DE 2021

WWW.STRATEGIAVESTIBULARES.COM.BR

QUESTÕES COM COMENTÁRIOS

63. (FUVEST/2021/1ª fase/Professor Wagner Santos)

Uma última gargalhada estrondosa. E depois, o silêncio. O palhaço jazia imóvel no chão. Mas seu rosto continua sorrindo, para sempre. Porque a carreira original do Coringa era para durar apenas 30 páginas. O tempo de envenenar Gotham, sequestrar Robin, enfiar um par de sapatos no Homem-Morcego e disparar o primeiro “vou te matar” da sua relação. Na briga final do Batman nº 1, o “horripilante bufão” sofria um final digno de sua desumana ironia: ao tropeçar, cravava sua própria adaga no peito. Assim decidiram e desenharam seus pais, os artistas Bill Finger, Bob Kane e Jerry Robinson. Entretanto, o criminoso mostrou, já em sua primeira aventura, um enorme talento para se rebelar contra a ordem estabelecida. Seu carisma seduziu a editora DC Comics, que impôs o acréscimo de um quadrinho. Já dentro da ambulância, vinha à tona “um dado desconcertante”. E então um médico sentenciava: “Continua vivo. E vai sobreviver!”.

Tommaso Koch. “O Coringa completa 80 anos e na Espanha ganha duas HQs que inspiram debates filosóficos sobre a liberdade”. El País. Junho/2020.

No fragmento “**ao tropeçar**, cravava sua adaga no peito.” (L. 8-9), a oração em negrito abrange, simultaneamente, as noções de

- a) proporção e explicação.
- b) causa e proporção.
- c) tempo e consequência.
- d) explicação e consequência.
- e) tempo e causa.

Comentários

Nessa questão, a Fuvest analisa a ambiguidade de uma oração a partir de uma nomenclatura menos usual, a indicação de significação simultânea. Perceba que, no final das contas, o que temos é uma dupla possibilidade de significação para a oração em questão. De forma bastante clara, a leitura de temporalidade se faz possível, dado que temos a ideia de que, quando ele tropeça, crava a adaga em seu peito. Contudo, ainda que tenhamos essa leitura como a preferencial, podemos entender que a causa dele ter tropeçado é que faz com que crave a adaga em seu peito, construindo uma relação de causa. Assim, a alternativa E configura-se realmente como a correta.

Gabarito: E.

64. (FUVEST/2021/1ª fase/Professor Wagner Santos) As vírgulas em “E depois, o silêncio.” (L. 1) e em “Mas seu rosto continua sorrindo, para sempre” (L. 2-3) são usadas, respectivamente, com a mesma finalidade que as vírgulas em

- a) “Após a queda, tomaram mais cuidado.” e “Quanto mais espaço, mais liberdade”.
- b) “Aos estrangeiros, ofereceram iguarias.” e “Limpavam a casa, e preparávamos as refeições”.
- c) “Colheram trigo e nós, algodão.” e “Eles se encontraram nas férias, mas não viajaram”.
- d) “Para meus amigos, o melhor.” e “Organizava tudo, cautelosamente”.



e) “Viu o espetáculo, considerado o maior fenômeno de bilheteria.” e “‘Conheço muito bem’, afirmou o rapaz”.

Comentários

A alternativa A está incorreta, porque a primeira vírgula serve como maneira de separação de um adjunto adverbial deslocado, assim como na primeira frase do enunciado. Contudo, na segunda, em que teríamos também uma relação de separação facultativa de adjunto adverbial, não há correspondência.

A alternativa B está incorreta, porque a primeira vírgula é utilizada com o objetivo de separar um objeto indireto deslocado, como marcação clara de modificação de lugar de realização sintática, enquanto a segunda é uma separação de orações aditivas que apresentam sujeitos diferentes.

A alternativa C está incorreta, porque a primeira vírgula serve para a marcação da zeugma do verbo “colher”, uma vírgula linda e pouco usual atualmente. No segundo caso, por sua vez, temos a vírgula separando a oração adversativa.

A alternativa D está correta, porque temos “para meus amigos” como um adjunto adverbial deslocado, marcado pela vírgula. No segundo uso, a justificativa é a possibilidade, estilística, de separar o adjunto adverbial, ainda que esteja em posição de base.

A alternativa E está incorreta, porque a primeira vírgula separa uma oração subordinada adjetiva explicativa, ainda que reduzida de particípio. No segundo uso, temos a introdução de uma oração que serve para explicar o discurso direto utilizado anteriormente.

Gabarito: D.

65. (FUVEST/2021/1ª fase/Professor Wagner Santos) Em “Seu carisma seduziu a editora DC Comics, que impôs o acréscimo de um quadrinho.” (L. 12-13), o vocábulo “que” possui a mesma função sintática desempenhada no texto por

- a) “imóvel”
- b) “Robin”
- c) “seus pais”
- d) “se”
- e) “vivo”

Comentários

A alternativa A está incorreta, porque, no texto, “imóvel” desempenha a função sintática de predicativo do sujeito, enquanto o “que” do enunciado é um sujeito.

A alternativa B está incorreta, porque, no texto, “Robin” desempenha a função sintática de objeto direto e não de sujeito, como o pronome relativo “que”.

A alternativa C está correta, porque “seus pais” é sujeito dos verbos “decidiram e desenharam”. O pega desse caso é exatamente o fato de que é um sujeito posposto ao verbo, dificultando a relação de identificação em um primeiro momento.

A alternativa D está incorreta, porque o “se” não pode, em hipótese alguma, desempenhar a função sintática de sujeito.

A alternativa E está incorreta, porque “vivo” desempenha a função sintática de predicativo do sujeito, enquanto o “que” do enunciado é um sujeito.

Gabarito: C.

66. (FUVEST/2021/1ª fase/Professora Luana Signorelli)



- Posso furar os olhos do povo?

Esta frase besta foi repetida muitas vezes, e, em falta de coisa melhor, aceitei-a. Sem dúvida. As mulheres hoje não vivem como antigamente, escondidas, evitando os homens. Tudo é descoberto, cara a cara. Uma pessoa topa outra. Se gostou, gostou: se não gostou, até logo. E eu de fato não tinha visto nada. As aparências mentem. A terra não é redonda? Esta prova da inocência de Marina me pareceu considerável. Tantos indivíduos condenados injustamente neste mundo ruim! O retirante que fora encontrado violando a filha de quatro anos - estava aí um exemplo. As vizinhas tinham visto o homem afastando as pernas da menina, todo o mundo pensava que ele era um monstro. Engano. Quem pode lá jurar que isto é assim ou assado? Procurei mesmo capacitar-me de que Julião Tavares não existia. Julião Tavares era uma sensação. Uma sensação desagradável, que eu pretendia afastar de minha casa quando me juntasse àquela sensação agradável que ali estava a choramingar.

Graciliano Ramos, *Angústia*.

Em termos críticos, esse fragmento permite observar que, no plano global do romance *Angústia*, o ponto de vista

- a) se acomoda nos limites da vulgaridade.
- b) tenta imitar a retórica dos dominantes.
- c) reproduz a lógica do determinismo social.
- d) atinge a neutralidade do espírito humano.
- e) revira os lados contrários da opinião.

Comentários

Alternativa A: incorreta. O termo "vulgaridade" nesse contexto pode ser entendido como "coisa vulgar e sabida; dito ou sentença já sabida e repetida por todos" (dicionário Aulete). O que o narrador faz no trecho é o oposto, contestando a realidade. Não se acomoda nem se limita, mas sim defende a **relativização**.

Alternativa B: incorreta. Para Luís da Silva, Julião Tavares era dominante em comparação a ele, pois em seu ponto de vista roubou Marina dele. Julga que ele é uma sensação desagradável e chega a fazer um esforço mental para negá-lo. Então, não imita sua retórica.

Alternativa C: incorreta. *Angústia* (1936) é um romance de 30, ou seja, fez parte da segunda geração modernista, também conhecida como **neorrealista**. Quer dizer que tendia ao resgate de valores realistas, tais como denúncia social, análise de comportamentos e psicologismo, todos estes temas presentes no trecho acima. E o determinismo foi uma doutrina do fim do século XIX utilizada predominantemente no Naturalismo e não no Realismo. Eram movimentos literários com tendências divergentes. O determinismo defendia que o homem era fruto do meio, como se a realidade fosse pré-determinada, ao passo que o trecho aponta para várias possibilidades.

Alternativa D: incorreta. Pelo contrário: não é neutralidade, mas sim parcialidade, pois o narrador de *Angústia* classifica-se como narrador-protagonista.

Alternativa E: correta - gabarito. Na Literatura, **ponto de vista** é sinônimo de perspectiva ou foco narrativo. Trata-se da voz que fala dentro do texto, no caso, o narrador dentro de um texto em prosa (romance). Em *Angústia*, trata-se de um narrador na 1ª pessoa do singular ("eu"); portanto, **não confiável**. Ao problematizar o sentido da verdade, o narrador acaba por questionar a veracidade de seu próprio relato, complexificando o **jogo de essência e aparência**: "As aparências mentem. A terra não é redonda?"

Gabarito: E.



67. (FUVEST/2021/1ª fase/Professor Wagner Santos)

Terça é dia de Vezena revelar as atrações de seu festival anual, cuja 77ª edição começa no dia 2 de setembro, com a dramédia “Lacci”, do romano Daniele Luchetti, seguindo até 12/9, com 50 produções internacionais e uma expectativa (extraoficial) de colocar “West Side Story”, de Steven Spielberg, na Ribalta.

Rodrigo Fonseca. “À espera dos rugidos de Veneza”. O Estado de S. Paulo. Julho/2020. Adaptado.

Um processo de formação de palavras em língua portuguesa é o cruzamento vocabular, em que são misturadas pelo menos duas palavras na formação de uma terceira. A força expressiva dessa nova palavra resulta da síntese de significados e do inesperado da combinação, como é o caso de “dramédia” no texto. Ocorre esse mesmo tipo de formação em

- a) “deleitura” e “namorido”.
- b) “passatempo” e “microvestido”.
- c) “hidrelétrica” e “sabidamente”.
- d) “arenista” e “girassol”.
- e) “planalto” e “multicor”.

Comentários

Essa sensacional questão está levando em consideração um processo produtivo de formação de palavras e inusitado e não os processos que estamos acostumados. Nessa questão, não queremos achar processos de derivação ou de composição, os quais são comumente ensinados a vocês. É um processo diferente.

A alternativa A está correta, porque a palavra “deleitura” é uma formação de aproximação das palavras “deleite” e “leitura”, que, unidas em “deleitura” significam a ideia de uma leitura para o deleite, para a diversão máxima. No caso de “namorido”, muito utilizada ultimamente, temos a união de “namorado” e “marido”, formando a ideia de um namorado que tem papel de marido na vida da esposa/namorada.

A alternativa B está incorreta, porque as duas palavras são formadas por processos típicos de composição.

A alternativa C está incorreta, porque a primeira palavra é formada por justaposição e a segunda por derivação sufixal.

A alternativa D está incorreta, porque a primeira palavra é formada por derivação sufixal, enquanto a segunda é formada por composição.

A alternativa E está incorreta, porque as duas palavras são formadas por composição.

Gabarito: A.

68. (FUVEST/2021/1ª fase/Professor Wagner Santos)

TEXTO PARA AS QUESTÕES 68 E 69

Romance LIII ou Das Palavras Aéreas

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,



sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova! (...)

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Perdão, podíeis ter sido!
- sois madeira que se corta,
- sois vinte degraus de escada,
- sois um pedaço de corda...
- sois povo pelas janelas,
cortejo, bandeiras, tropa...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Éreis um sopro na aragem...
- sois um homem que se enforca!

Cecília Meireles, *Romanceiro da Inconfidência*.

Ao substituir a pessoa verbal utilizada para se referir ao substantivo “palavras” pela 3ª pessoa do plural, os verbos dos versos “sois de vento, ides no vento”, (v. 4) / “Perdão podíeis ter sido!” (v. 12) / “Éreis um sopro na aragem...” (v. 20) seriam conjugados conforme apresentado na alternativa:

- a) são, vão, podiam, eram.
- b) seriam, iriam, podia, serão.
- c) eram, foram, poderiam, seriam.
- d) são, vão, poderiam, eram.
- e) eram, iriam, podiam, seriam.

Comentários

Nessa questão, a relação determinante seria o conhecimento dos tempos verbais, para conseguirmos responder de forma correta a substituição dos verbos em destaque. Dessa forma, é interessante notar que temos a seguinte relação de tempos e de correspondência:

- **Sois**: presente do indicativo, substituído corretamente por “são”.
- **Ides**: presente do indicativo, substituído corretamente por “vão”.
- **Podíeis**: pretérito imperfeito, substituído corretamente por “podiam”.
- **Éreis**: pretérito imperfeito, substituído corretamente por “eram”.

Gabarito: A.



69. (FUVEST/2021/1ª fase/Professora Luana Signorelli) A "estranha potência" que a voz lírica ressalta nas palavras decorre de uma combinação entre

- a) fluidez nos ventos do presente e conteúdo fixo no passado.
- b) forma abstrata no espaço e presença concreta na história.
- c) leveza impalpável na arte e vigor no documentos antigos.
- d) sonoridade ruidosa nos ares e significado estável no papel.
- e) lirismo irrefletido na poesia e peso justo dos acontecimentos.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Existe um ditado em latim que diz: *verba volant, scripta manent*. Ou seja: as palavras faladas voam; as escritas, permanecem. Como indica o título do poema, se as palavras são aéreas, elas são fluidas; porém, não têm seu conteúdo fixo no passado. Como é dito no verso: "tudo se forma e transforma!", lembrando a **Lei de Lavoisier**: "na natureza, nada se cria nem se perde: tudo se transforma", para explicar a conservação das massas.

Alternativa B: correta - gabarito. A "estranha potência" sobre a qual o poema fala tem a ver com capacidade de transformação das palavras: elas podem tudo ser, como bem podem tudo não ser. Pelo uso de **metáforas**, indicando que as coisas **são**, literalmente, o que elas **significam**, as palavras então tornam-se **polissêmicas**, podendo ter vários sentidos.

As palavras que voam são vãs. Palavras são potentes e ao mesmo tempo frágeis. Têm amplitude e capacidade para ser tudo. O estranho poder da palavra poética de transitar entre épocas é evocado, nos versos, a fim de reavivar fatos históricos e atribuir-lhes um caráter de transcendência. É "estranho" porque é novo, encanta e assombra. "Potência" e "poder" nesse contexto podem ser considerados sinônimos. Ao usar uma 2ª pessoa do plural, "vós", como se o eu lírico dialogasse diretamente com as palavras, as palavras podem ser abstratas indo ao vento ou depois encarnarem forma material de escada, madeira e corda. E, podendo ser corda, também podem representar a morte trágica de Tiradentes: "- sois um homem que se enforca!". Assim como em "- sois povo pelas janelas, /cortejo, bandeiras, tropa...", palavras também são, em última instância, presença concreta na história.

Alternativa C: incorreta. Não necessariamente "impalpável", já que palavras podem se materializar. Tampouco vigor nos documentos antigos, pois as palavras podem ser frágeis.

Alternativa D: incorreta. Nem sempre palavras são ruidosas (barulhentas, escandalosas). Elas podem ser sutis, consistindo apenas em sopro na aragem.

Alternativa E: incorreta. Nem irrefletido tampouco justo. A poesia de Cecília Meireles problematiza o valor das palavras e questiona, sobretudo, aqueles que dão a elas esse valor.

Gabarito: B.

70. (FUVEST/2021/1ª fase/Professora Luana Signorelli)

Alferes, Ouro Preto em sombras
 Espera pelo batizado,
 Ainda que tarde sobre a morte do sonhador
 Ainda que tarde sobre as bocas do traidor.
 Raios de sol brilharão nos sinos:
 Dez vias dar;

Ai Marília, as líras e o amor



Não posso mais sufocar
E a minha voz irá
Pra muito além do desterro e do sal,
Maior que a voz do rei.

Aldir Blanc e João Bosco, trechos da música "Alferes", de 1973.

A imagem de Tiradentes - a quem Cecília Meireles qualificou "o Alferes imortal, radiosa expressão dos mais altos sonhos desta cidade, do Brasil e do próprio mundo", em palestra feita em Ouro Preto - torna a aparecer como símbolo da luta pela liberdade em vários momentos da cultura nacional. Os versos do letrista Aldir Blanc evocam, em novo contexto, o mártir sonhador para resistir ao discurso

- a) da doutrina revolucionária de ligas politicamente engajadas.
- b) da historiografia, que minimizou a importância de Tiradentes.
- c) de autoritarismo e opressão, próprio da ditadura militar.
- d) dos poetas árcades, que se dedicavam às suas líras amorosas.
- e) da tirania portuguesa sobre os mineradores no ciclo do ouro.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Em certo sentido, as opiniões expressas na música aderem a ligas engajadas, e não resistem a elas. Uso de **verbos conjugados no futuro** como "brilharão" e "irá" representam **esperança num futuro melhor**.

Alternativa B: incorreta. Não minimizou essa importância. Pelo contrário. Tiradentes foi heroicizado e é considerado um mártir, pois no período da Inconfidência Mineira (1789-1792) ele foi perseguido, morto e esquartejado.

Alternativa C: correta - gabarito. A dica central para entender o contexto histórico de produção desse poema era analisar sua **fonte**, presente no **rodapé**. Lá é dito que a música é de 1973, ano em que o Brasil passava pelo período da ditadura militar. Nesse sentido, as mesmas figuras do século XVIII utilizadas na obra de Cecília Meireles, como o Alferes Tiradentes e Marília de Dirceu, são usadas no poema acima; porém, **ressignificadas**. Se o comando pede uma alternativa que representa um **discurso de resistência**, trata-se de resistir contra a ditadura, expressão do autoritarismo e da repressão.

*Alferes é uma patente militar. Joaquim José da Silva Xavier (1746-1792) era uma figura histórica. Na vida civil, foi dentista; porém, na carreira militar foi alferes. Por isso é constantemente referido assim, até para aludir ao seu papel de contribuição cívica.

*Marília é a musa do poeta árcade Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), que nomeia a obra *Marília de Dirceu* (1792). Maria Joaquina Dorotéia de Seixas (1767-1853) foi cantada em versos sob o nome de Marília (breve corruptela de seu nome, como se fosse um diminutivo carinhoso), pelo noivo Tomás Antônio Gonzaga, o qual se chamava poeticamente de Dirceu. Embora em sua obra lírica ela seja pintada como utopia, foi uma figura real.

Alternativa D: incorreta. Muito embora o poema utilize tematicamente figuras árcades, não resiste a elas. Pelo contrário, costuma usá-las como exemplos. Nem todos os árcades escreveram apenas lírica amorosa. Tomás Antônio Gonzaga, por exemplo, escreveu **lírica satírica**, como é o caso de *Cartas chilenas*.

Alternativa E: incorreta. Não era contra Portugal que se protestava na época da ditadura militar, mas sim contra a forma opressiva de poder que tinha se instalado no sistema.

Gabarito: C.

71. (FUVEST/2021/1ª fase/Professora Luana Signorelli)



I

— Traíste-me, Sem Medo. Tu traíste-me.

(...) Sabes o que tu és afinal, Sem Medo? És um ciumento. Chego a pensar se não és homossexual. Tu querias-me só, como tu. Um solitário do Mayombe. (...) Desprezo-te. (...) Nunca me verás atrás de uma garrafa vazia. (...) Cada sucesso que eu tiver, será a paga da tua bofetada, pois não serei um falhado como tu.

Pepetela, *Mayombe*. Adaptada.

II

— Peço-te perdão, Sem Medo. Não te compreendi, fui um imbecil. E quis igualar o inigualável.

Pepetela, *Mayombe*.

Esses excertos de *Mayombe* referem-se a conversas entre as personagens Comissário e Sem Medo em momentos distintos do romance. Em I e II, as falas do Comissário, revelam, respectivamente

- a) incompatibilidade étnica entre ele e Sem Medo, por pertencerem a linhagens diferentes, e superação de sua hostilidade tribal.
- b) decepção, por Sem Medo não ter intercedido a seu favor na conversa com Ondina, e desespero diante do companheiro baleado.
- c) suspeita de traição de Ondina e tomada de consciência de que isso não passara de uma crise de ciúme dele.
- d) forte tensão homoafetiva entre ele e Sem Medo, e aceitação da verdadeira orientação sexual do companheiro.
- e) ira, diante do anticatolicismo de Sem Medo, e culpa que o atinge ao perceber que sua demonstração de coragem colocara o companheiro em risco.

Comentários

A FUVEST explorou nessa questão a abordagem da **literatura comparada**. Assim como entre as questões de número 69 e 70 há continuidade da análise de um poema para outro, aqui agora a banca cobra a comparação de trechos de uma mesma obra, o romance histórico *Mayombe* (1980), da literatura contemporânea angolana. Os momentos são decisivos, porque tratam da **mudança de opinião** de uma personagem sobre a outra, a depender da passagem específica do enredo.

Mayombe é um romance sobre a guerra de independência de Angola. Trata-se da luta dos guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) em torno do ideal em que acreditavam. Tanto o Comissário Político João quanto Sem Medo são exemplos desses guerrilheiros. São os personagens dos trechos em questão. Sem Medo inclusive é o líder. São amigos; porém, no momento central da narrativa brigam e no fim do romance se reconciliam novamente. O primeiro trecho se localiza no fim do capítulo 3 - Ondina, e o segundo no capítulo 5 - A amoreira.

Alternativa A: incorreta. Por mais que a questão do **tribalismo** no livro seja bem importante, não é o tema principal abordado nos trechos em questão. Em outros momentos da narrativa, explica-se como Sem Medo é um líder cuja uma das dificuldades é reunir sob um mesmo comando pessoas das mais diversas origens étnicas (tribos). Uma tribo é representada pelos seus costumes, crenças e, sobretudo, língua. Ainda hoje em Angola, mesmo o país já ter se tornado independente e hoje consistir numa república, há uma língua oficial – português (do ex-colonizador) –, mais outras 6 reconhecidas como oficiais também: o Quicongo, Chócue, Umbundo, Quimbundo, Ganguela e Cuanhama. Porém, no trecho trata-se de uma desavença entre dois amigos e não entre duas tribos rivais.



Alternativa B: correta - gabarito. No primeiro trecho, o Comissário Político João chama seu amigo Sem Medo de traidor, porque ele havia se envolvido com sua noiva, Ondina. João e Ondina eram noivos no início da narrativa, mas já não se entediavam mais. Seu relacionamento perdeu a química, pois tinham personalidades diferentes: Ondina era empoderada e trabalhava como professora, ao passo que João é retratado como se ainda fosse imaturo. E o segundo trecho trata-se de um momento emocionante de reconciliação, pois o Comissário Político entende que Sem Medo está em um momento delicado, temendo pela sua morte e, conseqüentemente, pela perda definitiva do amigo. Esse episódio ocorre depois da ocupação no domínio português de Pau Caído.

Alternativa C: incorreta. Não era suspeita: para o Comissário Político, Ondina tinha efetivamente o traído, assim como Sem Medo também o traiu. João sente pela **dupla traição**, pois julga-se traído tanto pela noiva quanto pelo melhor amigo e companheiro na guerrilha. Daí sua certeza, como quem afirma: "Traíste-me, Sem Medo. Tu traíste-me", e ainda repete sua convicção para enfatizar ainda mais sua decepção.

Alternativa D: incorreta. Nem Sem Medo nem o Comissário Político são homossexuais; pelo contrário, disputam o amor da mesma mulher: Ondina.

Alternativa E: incorreta. Assim como o tribalismo é um tema importante em *Mayombe*, a **questão religiosa** também o é. Porém, assim como na letra A, não é o assunto principal dos trechos expressos acima. Ao longo do romance, Sem Medo revela a sua trajetória de formação, que começa no período do seminário. Lá, ainda jovem, ele se revolta contra a noção de religião, que para ele é uma maneira de olhar para a realidade de uma maneira unilateral e não crítica. Além disso, também critica o falso moralismo, sobretudo, a partir do que viveu na prática, observando pessoas que mesmo dentro do seminário praticavam pecados. Esse **ceticismo** é importante para moldar sua personalidade, mas não é o conteúdo fundamental desses trechos em questão.

Gabarito: B.

72. (FUVEST/2021/1ª fase/Professor Fernando Andrade)

Leusipo perguntou o que eu tinha ido fazer na aldeia. Preferi achar que o tom era amistoso e, no meu paternalismo ingênuo, comecei a lhe explicar o que era um romance. Eu tentava convencê-lo de que não havia motivo para preocupação. Tudo o que eu queria saber já era conhecido. E ele me perguntava:

"Então, por que você quer saber, se já sabe?" Tentei lhe explicar que pretendia escrever um livro e mais uma vez o que era um romance, o que era um livro de ficção (e mostrava o que tinha nas mãos), que seria tudo historinha, sem nenhuma consequência na realidade. Ele seguia incrédulo. Fazia-se de desentendido, mas na verdade só queria me intimidar. As minhas explicações sobre o romance eram inúteis. Eu tentava dizer que, para os brancos que não acreditam em deuses, a ficção servia de mitologia, era o equivalente dos mitos dos índios, e antes mesmo de terminar a frase, já não sabia se o idiota era ele ou eu. Ele não dizia nada a não ser: "O que você quer com o passado?". Repetia. E, diante da sua insistência bovina tive de me render à evidência de que eu não sabia responder à sua pergunta.

Bernardo Carvalho, *Nove noites*. Adaptado.

Sem prejuízo de sentido e fazendo as adaptações necessárias, é possível substituir as expressões em destaque no texto, respectivamente, por

- a) incompreensão; armação; inofensivo; irredutível.
- b) altivez; brincadeira; ofendido; mansa.
- c) ignorância; mentira; prejudicado; alienada.



d) complacência; invenção; bobo; cega.

e) arrogância; entretenimento; incapaz; animalesca.

Comentários

Para resolver a questão, bastava considerar a primeira palavra. O narrador, ao falar em paternalismo, dava a entender que se dirigia a Leusipo como um pai se dirige ao filho. O problema é que a banca escolheu como sinônimo de “paternalismo” a palavra “complacência”, que significa “gentileza”; palavra que nem todos conhecem.

Alternativa “a” está incorreta. “Paternalismo” não poderia ser sinônimo de “incompreensão”, aliás, no texto, poderia ser substituído por “com compreensão”; forçando um pouco o significado, seria possível trocar “historinha” por “armação”; “fazia-se de desentendido” significa que ele fingia não estar entendendo, algo bem diferente de “inofensivo”; e o “bovino” refere-se a alguém que não se dispõe a compreender.

Alternativa “b” está incorreta. O traço mais característico de um pai não é a “altivez”; “brincadeira” poderia substituir “historinha”; “fazer-se de desentendido” refere-se ao fingimento e à irritação provocada por uma ofensa; “mansa” poderia substituir “bovina”.

Alternativa “c” está incorreta. Um pai não é considerado pelo senso comum como sendo ignorante; “mentira” poderia substituir “historinha”; “prejudicado” não dá o sentido de alguém que finge que entendeu; até certo ponto, “bovina” poderia ser substituída por “alienada”.

Alternativa “d” está correta. Um pai deve ser conhecido por sua gentileza, ou seja, pela sua “complacência”; o uso do diminutivo de história dá a entender que se trata de algo inventado; o “fazia-se de desentendido”, que se refere ao fingimento, pode ser trocado por “fazia-se de bobo”, sem problemas; e o termo “cega” não é tão apropriado para substituição, mas não alteraria substancialmente o sentido do texto, ressaltaria a teimosia de Leusipo.

Alternativa “e” está incorreta. O “paternalismo” não tem como principal característica a “arrogância”; “historinha” dificilmente poderia ser substituída por “entretenimento”; no texto, não se discute se o rapaz era capaz ou não, portanto, “fazia-se de incapaz” não teria sentido; “bovina” até poderia ser “animalesca”, mas daí o texto teria uma conotação hiperbólica.

Gabarito: D.

73. (FUVEST/2021/1ª fase/Professor Fernando Andrade) As respostas do narrador às perguntas de Leusipo são uma tentativa de disfarçar o caráter

a) fabular do romance, inspirado nas lendas e tradições dos Krahô.

b) investigativo do romance, embasado em testemunhos dos Krahô.

c) político do romance, a respeito das condições de vida dos Krahô.

d) etnográfico do romance, através do registro da cultura dos Krahô.

e) biográfico do romance, relatando sua vivência junto aos Krahô.

Comentários

Para responder essa questão seria importante que você se lembrasse de algumas informações. O narrador visitou a aldeia em busca de informações sobre Buell Quain. Os índios estavam desconfiados das intenções de alguém que desejava investigar um episódio de suicídio que ocorrera há muito tempo.

Alternativa “a” está incorreta. O romance não é inspirado nas lendas dos índios, mas na vida de Buell Quain, antropólogo americano que se suicidou em 1939.

Alternativa “b” está correta. O narrador vai à aldeia investigar se alguma das versões que ele tem sobre o suicídio de Buell Quain são verdadeiras ou podem ser comprovadas. Ele procura por um índio Krahô que seria criança quando tudo aconteceu.



Alternativa "c" está incorreta. O narrador está interessado na história de Buell Quain e não na denúncia sobre a vida dos Krahô.

Alternativa "d" está incorreta. O narrador não tem pendor etnográfico, aliás, não consegue entender a realidade dos índios e não tem admiração pelo jeito como eles vivem.

Alternativa "e" está incorreta. O narrador até conta um pouco de sua vida, mas sua estada com os Krahô foi rápida e circunstancial, isso não configuraria relato biográfico.

Gabarito: B.

74. (FUVEST/2021/1ª fase/Professor Fernando Andrade) Na cena apresentada, que explora o desconforto gerado pela difícil interlocução com o indígena, o narrador

- a) abandona a ideia de investigar o passado, ao se ver encurralado por Leusipo.
- b) explora a sua posição ameaçadora de homem branco, ao insistir em permanecer na aldeia.
- c) age com ousadia, ao procurar subjugar Leusipo a contribuir com o seu projeto.
- d) identifica-se com a sabedoria de Leusipo, ao preterir do papel interrogativo e se deixar questionar.
- e) sente -se frustrado com a reação de Leusipo, que não se deixa levar por sua diplomacia.

Comentários

Alternativa "a" está incorreta. O narrador continua a investigação apesar desse episódio com Leusipo; um questionamento pontual não seria suficiente para fazer o narrador, obcecado pela história, parar sua investigação.

Alternativa "b" está incorreta. Ele permanece na aldeia pelos dias que foram combinados e com bastante desconforto; se pudesse nem teria ficado mais.

Alternativa "c" está incorreta. Leusipo não tem as informações de que ele precisa e não poderia ajudá-lo em nada. Trata-se de um jovem indígena intrigado e desconfiado em relação ao que o narrador faz ali.

Alternativa "d" está incorreta. Não há, na abordagem de Leusipo, nada que indique sabedoria; há desconfiança e curiosidade.

Alternativa "e" está correta. A frustração do narrador diante de Leusipo, aparece claramente no seguinte trecho: "E, diante da sua insistência bovina tive de me render à evidência de que eu não sabia responder à sua pergunta."

Gabarito: E.

75. (FUVEST/2021/1ª fase/Professora Luana Signorelli)

Rubião fitava a enseada, - eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra cousa. Cortejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

- Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Semana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça..



O primeiro capítulo de *Quincas Borba* já apresenta ao leitor um elemento que será fundamental na construção do romance:

- a) a contemplação das paisagens naturais, como se lê em "ele admirava aquele pedaço de água quieta".
- b) a presença de um narrador-personagem, como se lê em "em verdade vos digo que pensava em outra coisa".
- c) a sobriedade do protagonista ao avaliar o seu percurso, como se lê em "Cotejava o passado com o presente".
- d) o sentido místico e fatalista que rege os destinos, como se lê em "Deus escreve direito por linhas tortas".
- e) a reversibilidade entre o cômico e o trágico, como se lê em "de modo que o que parecia uma desgraça..."

Comentários

Alternativa A: incorreta. Para o Realismo, enquanto movimento literário, a contemplação da natureza não era uma temática importante. Isso porque no Realismo a classe social representada foi a burguesia, frequentemente situada já no cenário urbano. A contemplação de paisagens naturais será importante para o Arcadismo e a primeira geração romântica na lírica, por exemplo.

Tudo bem que o trecho começa com Rubião olhando a enseada: pequena baía, capaz de abrigar porto ou ancoradouro; angra; entrada de campo alagadiço; margens sombrias de rios ou córregos; campo entre dois igarapés, fechado por mato em todos os lados menos um (dicionário Aulete). Rubião também contempla outros elementos naturais, como o céu. Mas não é só isso: pois olhava para as coisas **como se apropriasse delas**. Ou seja, sente-se dono até mesmo da natureza, isso por causa de sua condição de rico.

Alternativa B: incorreta. *Quincas Borba* (1891) é um romance com narrador em 3ª pessoa do singular. Exemplos de outros romances machadianos em que esse narrador-personagem é utilizado são: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1899).

Alternativa C: incorreta. Não é de todo "sobriedade", até porque ao final da narrativa Rubião enlouquece. Como o início do romance, ou seja, esse capítulo inicial, parte do ponto no meio da narrativa, em que Rubião lembra seu passado, ele já se encontra em processo de declínio rumo à ruína.

Alternativa D: incorreta. O Realismo é um movimento literário do fim do século XIX voltado para a verossimilhança, isto é, representação da realidade tal qual ela é. Portanto, o sentido não é místico.

Alternativa E: correta - gabarito. A dica central é se atentar ao comando da questão, que pede o vínculo entre essa passagem já no primeiro capítulo com a **construção do romance**. Ou seja, a alternativa correta deveria contemplar elementos que se mantêm do início ao fim do livro.

Nesse trecho, observa-se como Rubião relembra seu percurso: de pacato professor no município de Barbacena, torna-se um novo rico na corte do Rio de Janeiro. Isso porque seu amigo e filósofo Quincas Borba morre, tornando-o herdeiro universal. Nesse trecho, Rubião reflete exatamente em como foi importante, para ele próprio receber essa herança, que Quincas Borba não deixasse outros herdeiros. Várias possibilidades poderiam ter ocorrido, por exemplo, a irmã de Rubião, Piedade, ter-se casado com Quincas Borba. Porém, nenhum dos dois sobrevive: primeiro Piedade falece e depois Quincas Borba em seguida.

Assim, comprova-se uma das ideias centrais no livro: a teoria da **Humanitas**. Ela defende que só os mais fortes sobrevivem e na lógica de hierarquia social Rubião foi privilegiado, mesmo que para isso tenha dependido das desgraças alheias. É o que faz de Humanitas uma teoria fria e cruel, a qual tenta justificar as relações de competição.



Agora chamo atenção para o **último capítulo do livro**, o de número CCI. Nele, nem mesmo Quincas Borba, o cão, sobrevive, falecendo 3 dias depois do dono Rubião. Algo aqui soa como se fosse bíblico: “ao fim do terceiro dia, ressuscitou”, embora aqui no caso seja morreu. Essa circularidade bíblica retoma o primeiro capítulo.

E aqui acontece a **tragicomédia** do livro: a facilidade de converter um no outro. Pois, aquilo que parece tragédia, pode se transmigrar em comédia. Segue um trecho do último capítulo que ilustra justamente essa reversibilidade. O narrador irônico diz assim para o leitor: "Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso ri-te! É a mesma cousa."

Gabarito: E.

76. (FUVEST/2021/1ª fase/Professor Fernando Andrade)

Remissão

Tua memória, pasto de poesia,
tua poesia, pasto dos vulgares,
vão se engastando numa coisa fria
a que tu chamas: vida, e seus pesares.

M as, pesares de quê? perguntaria,
se esse travo de angústia nos cantares,
se o que dorme na base da elegia
vai correndo e secando pelos ares,

e nada resta, mesmo, do que escreves
e te forçou ao exílio das palavras,
senão contentamento de escrever,

enquanto o tempo, e suas formas breves
ou longas, que sutil interpretavas,
se evapora no fundo do teu ser?

Carlos Drummond de Andrade, *Claro Enigma*.

Claro enigma apresenta, por meio do lirismo reflexivo, o posicionamento do escritor perante a sua condição no mundo. Considerando-o como representativo desse seu aspecto, o poema “Remissão”

- a) traduz a melancolia e o recolhimento do eu lírico em face da sensação de incomunicabilidade com uma realidade indiferente à sua poesia.
- b) revela uma perspectiva inconformada, mesclando-a, livre da indulgência dos anos anteriores, a um novo formalismo estético.
- c) propõe, como reação do poeta à vulgaridade do mundo, uma poética capaz de interferir na realidade pelo viés nostálgico
- d) reflete a visão idealizada do trabalho do poeta e a consciência da perenidade da poesia, resistente à passagem do tempo.
- e) realiza a transição do lirismo social para o lirismo metafísico, caracterizado pela adesão ao conforto espiritual e ao escapismo imaginativo.

Comentários

Primeiro vale a pena, inicialmente, explicar o poema. Na primeira estrofe, o eu lírico diz qual a fonte da sua poesia: a memória do passado. Memória e poesia se misturam naquilo que o poeta chama de vida e seus pesares.



Daí, ele mesmo se pergunta: pesar do quê? A dúvida se dá, pois aquilo que é fonte da poesia e da memória é também efêmero, “seca nos ares”, restando somente o que ele escreve. Ele se recolhe à escrita de algo que “se evapora no fundo” do ser.

Alternativa "a" está correta. Ela gira em torno de três asserções, o eu lírico se expressa de forma **melancólica, recolhe-se** devido à **incomunicabilidade** entre escrita e memória. Veja o esquema como isso se observa no texto.

Remissão

*Tua memória, pasto de poesia,
tua poesia, pasto dos vulgares,
vão se engastando numa coisa fria
a que tu chamas: vida, e seus pesares.*

*Mas, pesares de quê? perguntaria,
se esse travo de angústia nos cantares,
se o que dorme na base da elegia
vai correndo e secando pelos ares,*

Melancolia

*e nada resta, mesmo, do que escreves
e te forçou ao exílio das palavras,
senão contentamento de escrever,*

Recolhimento

*enquanto o tempo, e suas formas breves
ou longas, que sutil interpretavas,
se evapora no fundo do teu ser?*

Distanciamento entre o que
ele viveu e se evapora e o
que ele escreve:
incomunicabilidade.

Carlos Drummond de Andrade, *Claro enigma*.

Alternativa "b" está incorreta. A alternativa afirma que ele estaria inconformado, o que não se confirma pela leitura do texto, em que o eu lírico parece se resignar a sua condição.

Alternativa "c" está incorreta. Apesar do termo “vulgares” na segunda estrofe, ele não está fazendo uma crítica à vulgaridade do mundo; o termo, nesse caso, pode ser entendido como matéria para os comuns (pessoas comuns). Além disso, ele deixa claro que a poesia não pode fazer nada por esse mundo.

Alternativa "d" está incorreta. Ele não idealiza a poesia, pelo contrário, mostra os seus limites; ela não é capaz sequer de reter o tempo em suas formas breves.

Alternativa "e" está incorreta. No texto, não se percebe qualquer espiritualidade e fundo metafísico.

Gabarito: A.

77. (FUVEST/2021/1ª fase/Professor Wagner Santos)





Mafalda, Quino.

O efeito de humor presente nas falas das personagens decorre

- a) da quebra de expectativa gerada pela polissemia.
- b) da ambiguidade causada pela antonímia.
- c) do contraste provocado pela fonética.
- d) do contraste introduzido pela neologia.
- e) do estranhamento devido à morfologia.

Comentários

Para a compreensão do humor nessa questão, é necessário que sempre nos lembremos de que o humor ocorre por meio de uma quebra de expectativa. É o inusitado que nos interessa nesse caso. Perceba que a expressão do personagem homem no caso é de alguém que está doente, perguntando como Mafalda resolve seus problemas tomando, no sentido não de engolindo, distância das pessoas. Nesse caso, percebe-se a clara polissemia. Dessa forma, a alternativa A é claramente a resposta.

Gabarito: A.

78. (FUVEST/2021/1ª fase/Professora Luana Signorelli)

A psicanálise do açúcar

O açúcar cristal, ou açúcar de usina,
mostra a mais instável das brancuras:
quem do Recife sabe direito o quanto,
e o pouco desse quanto, que ela dura.
Sabe o mínimo do pouco que o cristal
se estabiliza cristal sobre o açúcar,
por cima do fundo antigo, de mascavo,
do mascavo barrento que se incubia;
e sabe que tudo pode romper o mínimo
em que o cristal é capaz de censura:
pois o tal fundo mascavo logo aflora



quer inverno ou verão mele o açúcar.

Se os banguês* que-ainda purgam ainda
o açúcar bruto com barro, de mistura;
a usina já não o purga: da infância,
não só depois de adulto, ela o educa;
em enfermarias, com vácuos e turbinas,
em mãos de metal de gente indústria,
a usina o leva a sublimar em cristal
o pardo do xarope: não o purga, cura.
Mas como a cana se cria ainda hoje,
em mãos de barro de gente agricultura,
o barrento da pré-infância logo aflora
quer inverno ou verão mele o açúcar.

*banguê: engenho de açúcar primitivo movido a força animal.

João Cabral de Melo Neto, *A educação pela pedra*.

Os últimos quatro versos do poema rompem com a série de contrapontos entre a usina e o banguê, pois

- a) negam haver diferença química entre o açúcar cristal e o açúcar mascavo.
- b) esclarecem que a aparência do açúcar varia com a espécie de cana cultivada.
- c) revelam que na base de toda empresa açucareira está o trabalhador rural.
- d) denunciam a exploração do trabalho infantil nos canaviais nordestinos.
- e) explicam que a estação do ano define em qualquer processo o tipo de açúcar.

Comentários

João Cabral de Melo Neto (1920-1999) é um poeta da transição da segunda para a terceira geração modernista. Sua obra se baseou na forma equilibrada de escrever, com forte rigor estético e racionalismo na escrita. Seus versos costumam ser sintéticos, concentrando em si os sentidos. Foi autor da obra-prima *Morte e Vida Severina* (1955), que inclusive já foi muito cobrada na FUVEST. O autor também já foi cobrado na **segunda fase** da FUVEST: por exemplo, em 2011, com seu poema "A escola das facas".

João Cabral de Melo Neto tinha chance de cair nas provas desse ano, porque em 2020 esse autor completou **centenário**. No Manual do Candidato da FUVEST 2021, constavam no conteúdo programático duas obras desse autor: *Morte e vida severina* e *A educação pela pedra*. Portanto, essa questão é um ótimo exemplo para ilustrar a cobrança de literatura da FUVEST:



Para além da lista obrigatória, a FUVEST também pode cobrar obras do Manual do Candidato! Nesse documento, são discriminados vários autores e obras que também podem, **em qualquer momento**, serem cobrados na prova. Fica a dica!

Além disso, é importante explicar o título do poema, que se chama "Psicanálise do açúcar", um substantivo atrelado a um adjunto adnominal. São dois nomes importantes: psicanálise é uma ciência importante, em voga da transição do século XIX para o XX. Em suma, buscava escavar no inconsciente



subjetivo os sentidos e as explicações para os comportamentos humanos. Por isso, atente-se para a escolha de algumas palavras nesse poema: "por cima do **fundo** antigo", por exemplo. Depois, discute-se o próprio açúcar, produto de cor branca que precisa ser refinado mediante trabalho bruto, seja braçal (humano) quanto animal. Por ser da cor branca, esse elemento pode ser referir à etnia. Em suma, trata-se de um processo histórico que levou na sua base a cana de açúcar, fator econômico importante para a economia brasileira, sobretudo a nordestina, desde o Brasil Colônia. Sendo João Cabral de Melo Neto pernambucano, naturalmente se atentava para essas questões.

Outro poema modernista que aborda o açúcar como elemento social segue abaixo como exemplo:

Ferreira Gullar – O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.



Por fim, esse poema de João Cabral de Melo Neto se encontra no livro *A educação pela pedra* (1966), que leva em consideração em seu próprio título a questão da **educação**, a qual era importante para a obra de João Cabral como um todo. Ou seja, para certa classe social, sobretudo a dos **trabalhadores**, aprendia-se muito cedo, já desde a pré-infância, antes da fase adulta. **Porque a vida educa; sobretudo, a vida imediata, a dureza de uma vida vulnerável.**



Alternativa A: incorreta. Não é a diferença química que está sendo discutida no texto, mas sim a **diferença histórica**: a usina representa as fábricas modernas, ou seja, o sujeito moderno e a sua tendência à mecanização dos processos humanos e econômicos, ao passo que o banguê, como indica a nota de rodapé no glossário, é uma forma primitiva de engenho do açúcar.

Alternativa B: incorreta. Não é o tipo de cana cultivada o tema central desse poema.

Alternativa C: correta - gabarito. A diferença central apontada ao longo do processo histórico na transposição do engenho de banguê para a usina é o **tipo de força utilizada**: antigamente, utilizava-se **força animal** e na usina utiliza-se **força humana**, o que se depreende a partir do termo "mãos de barro". Estas mãos só podem ser humanas, porque não são patas.

Alternativa D: incorreta. Não necessariamente: a alusão à pré-infância no poema tem outro sentido, como já explicado. Se o trabalho é infantil ou não, isso não se sabe: trata-se de **informação extratextual**.

Alternativa E: incorreta. Cuidado com os absolutismos, como é o caso do uso da expressão "qualquer processo".

Gabarito: C.

79. (FUVEST/2021/1ª fase/Professor Wagner Santos) Na oração “que ela dura” (v. 4), o pronome sublinhado

- a) não tem referente.
- b) retoma a palavra “usina” (v. 1).
- c) pode ser substituído por “ele”, referindo-se a “açúcar” (v. 1)
- d) refere-se à “mais instável das brancuras” (v. 2).
- e) equivale à palavra “censura” (v. 10).

Comentários

Nesse caso, temos a relação clara ocorrendo entre o pronome pessoal do caso reto, ela, com a noção da “mais instável das brancuras”. Inclusive, o uso da ideia de duração da, apresentada como verbo que se liga ao pronome em questão, reforça essa possibilidade de compreensão. Ou seja, o ela fala da brancura instável, que tem uma durabilidade clara. Assim, a alternativa D constrói-se como a resposta.

Gabarito: D.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

PRESTE MAIS
ATENÇÃO!



Nós nos colocamos à disposição de vocês para sanar eventuais dúvidas.

Temos a meta de responder ao Fórum de Dúvidas, com a qualidade e profundidade exigidas, assim como podem nos encontrar em redes sociais. E agora também temos **Sala VIP**.



Versão	Data	Modificações
1	11/01/2020	Entrega da primeira versão do texto.

Professor Wagner Santos



@wagnerliteratura



Professor Fernando Andrade



@filosofia.do.portuga



Redação e Filosofia





Professora Luana Signorelli



/luana.signorelli



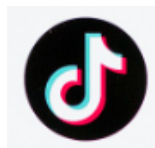
Professora Luana
Signorelli



@luana.signorelli



Luana Signorelli



@luanasignorelli1

